

Tradução de Cícero, *Fin. I, 65-70; II, 78-85* – A *disputatio de amicitia* no *De finibus*

Sidney Calheiros de Lima
Universidade de São Paulo (USP)
sidneycalheiros@gmail.com

RESUMO: O primeiro diálogo do *De finibus* de Cícero é dedicado à discussão do pensamento moral de Epicuro. As personagens principais são Torquato e Cícero. No livro I, o discurso de Torquato expõe a teoria do prazer. Cícero refuta seu interlocutor no livro II. Um ponto importante da discussão diz respeito à fundamentação da amizade. Apresentamos aqui uma tradução em português de trechos, tomados dos discursos das duas personagens mencionadas, que constituem a controvérsia sobre a noção epicurista de amizade: *Fin. I, 65-70; II, 78-85*. A tradução é acompanhada de uma breve introdução e de notas explicativas.

Palavras-chave: Cícero; Epicuro; filosofia; filosofia helenística; literatura latina.

71

Translation of Cicero, *Fin. I, 65-70; II, 78-85* – The *disputatio de amicitia* in the *De finibus*

ABSTRACT: The first dialogue of Cicero's *De finibus* is dedicated to the discussion of Epicurus' moral thought. The main characters are Torquatus and Cicero. In the first book, Torquatus' speech exposes the theory of pleasure. Cicero refutes his interlocutor in book II. An important point in the discussion concerns the foundation of friendship. Here we present a Portuguese translation of excerpts, taken from the speeches of the two characters mentioned, that constitute the controversy about the Epicurean notion of friendship: *Fin. I, 65-70; II, 78-85*. The translation is accompanied by a brief introduction and explanatory notes.

Keywords: Cicero; Epicurus; philosophy; Hellenistic philosophy; Latin literature.

Introdução

O *De finibus bonorum et malorum* é uma obra de 45 a.C., dedicada a Marco Júnio Bruto¹, dividida em três diálogos e consagrada ao estudo de filosofia moral, mais especificamente, à investigação sobre o *finis*, ou *télos*: aquele fim último que deveria conduzir todas as ações humanas. Os três diálogos são narrados por uma voz em primeira pessoa que se apresenta como o autor da obra. Cada diálogo é precedido por um prefácio, que, além de outras coisas, introduz as situações miméticas. Nas cenas, há sempre o expositor de uma solução para o *finis*, proposta por uma das correntes filosóficas mais importantes da época, e uma personagem que se identifica com o narrador e que empreende uma refutação da argumentação exposta pelo *patronus*².

Em uma célebre carta, datada do final de junho de 45 a.C., endereçada a Ático, Cícero nos oferece sua visão a respeito da organização da obra, além de revelar certos traços do caráter mimético dos diálogos. Na porção anterior ao trecho citado a seguir, Cícero se referia a obras como o *De re publica* e o *De oratore*, em que as cenas representam um passado já distante, nas quais ele próprio não intervém como personagem. Cícero associa a Heraclides do Ponto esse tipo de diálogo em cuja cena o autor não poderia ser representado sem que a composição incorresse em uma falha cronológica. Depois, diz:

Por outro lado, o que escrevi nestes últimos tempos segue a maneira de Aristóteles, em que, de tal forma é introduzido o diálogo entre os demais, que nas mãos dele próprio esteja o papel principal. Dessa forma, compus cinco livros sobre os fins, de modo que o que é de Epicuro eu confiasse a Lúcio Torquato, o que é dos estoicos, a Marco Catão, o dos peripatéticos, a Marco Pisão. (CÍCERO, *Att.* XIII, 19, 4)³

¹ Trata-se de um personagem político importante da época, que em 44 a.C. estaria envolvido no assassinato de Júlio César. Cícero faz referência, em mais de uma obra, à atividade literária de Bruto, que produziu literatura filosófica em latim. Menciona um *De uirtute*, que Bruto lhe dedicou (cf. CÍCERO, *Fin.* I, 8). A composição e a dedicação do *De finibus*, portanto, são tratadas como uma espécie de retribuição à cortesia de Bruto.

² Chama-se aqui *patronus* o interlocutor do diálogo responsável pela defesa de uma concepção de *finis* tomada a uma escola filosófica grega. À maneira de um *patronus* de uma disputa jurídica, aquele orador que em um litígio fala em defesa de um réu, essa personagem empresta a sua *auctoritas* a uma causa que, em última análise, é de outrem: do mestre grego e da escola que ele fundou (cf. MICHEL, 1960, p. 35-38). Tal personagem, forjada a partir de um indivíduo histórico, de um aristocrata romano da elite política, reveste-se da *grauitas* esperada no exercício das funções públicas e se institui, na controvérsia filosófica, como representante romano de um saber importado da Grécia. No *De finibus*, o próprio autor nomeia *patroni* as personagens dos expositores, como, por exemplo, em *Fin.* III, 1, passagem que traduzimos mais adiante. Em outra passagem, diz-se que a discussão filosófica em latim como que confere cidadania romana à filosofia grega (cf. *Fin.* III, 40: *ciuitatem dare*).

³ Todas as traduções de textos antigos apresentadas aqui são de minha autoria. Na tradução da presente passagem foram destacadas em itálico expressões que, no original, Cícero formula em grego. *Quae autem his temporibus scripsi Ἀριστοτέλειον morem habent, in quo ita sermo inducitur ceterorum*

Às informações dadas pelo autor, acrescentemos que são três diálogos separados, cada um deles ambientado em lugar e tempo distintos dos demais. Cada uma das personagens citadas na carta representa o *patronus* de uma corrente filosófica. Assim, no primeiro diálogo, que compreende os livros I e II, Lúcio Torquato fala em favor do epicurismo. No segundo diálogo, livros III e IV, Catão, o jovem, expõe o pensamento estoico. No terceiro diálogo, todo compreendido em um só livro, o quinto, Marco Pisão expõe aquilo que na carta Cícero denomina pensamento peripatético. Em cada um dos diálogos, Cícero aparece como personagem, cumprindo a função de refutador das teses avançadas pelos interlocutores.

No prefácio ao livro I do *De finibus*, a matéria é introduzida e o conceito de que se vai tratar é esclarecido. Observe-se no trecho, além disso, a defesa que o autor faz de sua atividade de escritor de filosofia, tópico bastante recorrente nos proêmios de seus diálogos filosóficos.

Pois o que se deve de tal modo buscar na vida senão o que se busca tanto na filosofia em seu todo, quanto nestes livros em especial: qual é o fim, o que é extremo, o que é último, para onde se deve reportar todo desígnio de viver bem e agir com retidão; o que a natureza persegue como o supremo dentre as coisas a serem buscadas e o que ela evita como o extremo dos males? E uma vez que a respeito desse assunto há entre os mais sábios enorme discordância, quem consideraria impróprio do prestígio que a mim cada qual atribui investigar o que é o melhor e o mais verdadeiro em todas as ocupações da vida? (CÍCERO, *Fin.* I, 11)⁴

Cícero relaciona o *finis* a nossa busca por viver bem (*bene uiuendi*) e o estabelece como fundamento da correção nas ações (*recte faciendi*), o qual deveria nos motivar em todas as nossas atividades (*in omni munere uitae*). Já o método de investigação filosófica utilizado ao longo do tratado, de alguma forma aludido na abertura do *De finibus*, tem alguns aspectos elucidados em uma passagem do *De diuinatione*, obra de 44 a.C. No prefácio ao segundo livro dessa obra, Cícero apresenta uma lista de seus escritos de filosofia e retórica publicados até então. Refere-se assim ao *De finibus*:

ut penes ipsum sit principatus. Ita confeci quinque libros περὶ Τελῶν *ut epicurea L. Torquato, stoica M. Catoni, Περιπατητικὰ M. Pisoni darem.*

⁴ *Quid est enim in vita tantopere quaerendum quam cum omnia in philosophia, tum id quod his libris quaeritur, qui sit finis, quid extremum, quid ultimum, quo sint omnia bene vivendi recteque faciendi consilia referenda, quid sequatur natura ut summum ex rebus expetendis, quid fugiat ut extremum malorum? Qua de re cum sit inter doctissimos summa dissensio, quis alienum putet eius esse dignitatis quam mihi quisque tribuat quid in omni munere vitae optimum et verissimum sit exquirere?*

Uma vez que o fundamento da filosofia se encontrasse nos fins dos bens e dos males, esse tema foi por nós exaustivamente tratado em cinco livros, de modo que se pudesse compreender o que disse cada um dos filósofos e o que foi dito contra cada um deles. (CÍCERO, *Div. II*, 2)⁵

No *De finibus*, no passo em que introduz a matéria (CÍCERO, *Fin. I*, 11), o autor aponta a pertinência do método: ele se faz necessário diante da constatação da enorme *dissensio* que existe entre os mais sábios. Com tal método, pretende chegar à melhor concepção acerca do *finis*, aquela que mais se aproximaria da verdade. Trata-se de adesão ao método da Nova Academia e da sua busca por aquilo que Cícero, em outras passagens, denomina *probabile* (isto é, digno de ser aprovado), mesmo se os termos *optimum* e *uerissimum* pareçam conferir um caráter absoluto à solução. A partir da leitura total do tratado, julgamos que a ênfase está não propriamente na descoberta do que seja *optimum* e *uerissimum* em tudo aquilo a que nos aplicamos, mas na atividade de *exquirere*, de investigar, de discutir, por meio do exame das opiniões divergentes dos mais eminentes filósofos.

A discussão sobre a amizade no *De finibus*⁶ é um interessante exemplo de *disputatio in utramque partem*, ou seja, um debate (com temática filosófica, neste caso) que avança por meio do confronto entre discursos contrários. Ocorre no primeiro diálogo, cuja cena se passa em 50 a.C., numa casa de campo⁷ de Cícero em Cumas, na região da Campânia; seus dois interlocutores são apresentados por meio das seguintes expressões: Lúcio Torquato, “homem versado na totalidade da doutrina”, *homine omni doctrina erudito*, e Caio Triário, “jovem sobremaneira grave e bem instruído”, *in primis grauis et doctus adulescens* (cf. CÍCERO, *Fin. I*, 13)⁸. Os dois são mais jovens que Cícero e estão na casa do célebre orador,

⁵ *Cumque fundamentum esset philosophiae positum in finibus bonorum et malorum, perpurgatus est is locus a nobis quinque libris, ut, quid a quoque, et quid contra quemque philosophum diceretur, intellegi posset.*

⁶ Reflexões sobre a amizade aparecem também em muitas cartas, sobretudo naquelas enviadas a Ático. Um tratamento mais extenso e que se dá no contexto da discussão filosófica aparece no *Laelius de amicitia*, diálogo composto em 44 a. C. sob influência do pensamento estoico. Alguns argumentos avançados pela personagem de Cícero no livro II do *De finibus* reaparecem no *Laelius*.

⁷ De modo geral, devemos levar em conta o papel que desempenham as *uillae* na obra dialógica de Cícero. As discussões filosóficas não são tidas na *Vrbs*, espaço característico do *negotium*, especialmente das atividades que se ligam aos processos jurídicos e à gestão da cidade. O uso das *uillae* serve para demarcar espaço e tempo próprios para a discussão desvinculada da utilidade política imediata.

⁸ Torquato, o indivíduo histórico a partir do qual é forjada a personagem do expositor da moral de Epicuro, foi assassinado em 46 a. C., na África, após ser derrotado em batalha pelas forças de César. Triário lutou ao lado de Pompeu em Farsália. Morreu em batalha em 48 a. C. Em 45 a. C., portanto, ano da composição do tratado, os dois, reconhecidos defensores da causa republicana, estão mortos em decorrência da guerra civil.

conforme informa o narrador, em uma visita de cortesia. Vieram para cumprimentá-lo, ao saberem que ele se encontrava em sua *uilla*. Cabe lembrar que em 50 a.C., Cícero, já maduro, orador afamado, desfrutava ainda de prestígio decorrente de sua condição de senador e de ex-cônsul. Na construção das personagens, o narrador confere ao primeiro a competência para expor a *sententia de uoluptate Epicuri* de modo acurado (*accurate*); o segundo tem pouca participação no diálogo, mas, quando intervém, mostra-se refratário ao pensamento de Epicuro.

O texto que traduzimos aqui é composto por duas partes. A primeira delas vem do livro I, do discurso de Torquato, que, como dissemos, expõe o *finis* de Epicuro. Em determinado momento, ele se propõe a discutir a fundamentação da amizade nesse sistema que considera o prazer como o sumo bem. A segunda parte do texto vem do livro II, do discurso de refutação pronunciado pela personagem Cícero. O refutador, que em mais de uma passagem se declara acadêmico, assume estrategicamente uma postura estoica, com finalidade dialética, com vistas a rechaçar a exposição de Torquato. Segundo pensa o refutador, caso consiga demonstrar que o *honestum*, o sumo bem estoico, é digno de ser buscado por si mesmo, terá demonstrado que o prazer não pode ser o sumo bem, ou seja, que o epicurista está errado.

A discussão sobre a fundamentação da amizade tem lugar de destaque na exposição que Cícero atribui a Torquato. Tal destaque parece ajustado à importância que Epicuro conferia ao tema, a julgar pelo tratamento dado a ele nos textos do próprio autor preservados por Diógenes Laércio. Por outro lado, para o estudo do desenvolvimento da filosofia do Jardim após a morte de Epicuro, essa parte da exposição é um testemunho valiosíssimo. Três soluções para a questão da amizade são apresentadas. Apenas a primeira é atribuída a Epicuro. As outras duas, propostas por continuadores do pensamento de Epicuro (que não são nomeados), parecem ter surgido – é o que sugere o texto de Cícero – como tentativas de contornar dificuldades impostas pelas escolas rivais. Com efeito, o conjunto das obras filosóficas de Cícero oferece muitos testemunhos do intenso debate e da enorme rivalidade que havia entre as correntes filosóficas do chamado pensamento helenístico.

O texto latino utilizado para a tradução foi aquele estabelecido por T. Schiche e estampado na edição da Teubner citada nas referências bibliográficas (SCHICHE, 1915).

1. Texto latino de CÍCERO, *Fin. I*, 65-70

Fin. I, 65-70

65 *Restat locus huic disputationi vel maxime necessarius de amicitia, quam, si voluptas summum sit bonum, affirmatis nullam omnino fore. de qua Epicurus quidem ita dicit, omnium rerum, quas ad beate vivendum sapientia comparaverit, nihil esse maius amicitia, nihil uberius, nihil iucundius. nec vero hoc oratione solum, sed multo magis vita et factis et moribus comprobavit. quod quam magnum sit fictae veterum fabulae declarant, in quibus tam multis tamque variis ab ultima antiquitate repetitis tria vix amicorum paria reperiuntur, ut ad Orestem pervenias profectus a Theseo. at vero Epicurus una in domo, et ea quidem angusta, quam magnos quantaque amoris conspiratione consentientis tenuit amicorum greges! quod fit etiam nunc ab Epicureis. sed ad rem redeamus; de hominibus dici non necesse est.*

66 *Tribus igitur modis video esse a nostris de amicitia disputatum. alii cum eas voluptates, quae ad amicos pertinerent, negarent esse per se ipsas tam expetendas, quam nostras expeteremus, quo loco videtur quibusdam stabilitas amicitiae vacillare, tuentur tamen eum locum seque facile, ut mihi videtur, expediunt. ut enim virtutes, de quibus ante dictum est, sic amicitiam negant posse a voluptate discedere. nam cum solitudo et vita sine amicis insidiarum et metus plena sit, ratio ipsa monet amicitias comparare, quibus partis confirmatur animus et a spe pariendarum voluptatum seiungi non potest.* 67 *Atque ut odia, invidiae, despicationes adversantur voluptatibus, sic amicitiae non modo faatrices fidelissimae, sed etiam effectrices sunt voluptatum tam amicis quam sibi, quibus non solum praesentibus fruuntur, sed etiam spe eriguntur consequentis ac posteritatis temporis. quod quia nullo modo sine amicitia firmam et perpetuam iucunditatem vitae tenere possumus neque vero ipsam amicitiam tueri, nisi aequae amicos et nosmet ipsos diligamus, idcirco et hoc ipsum efficitur in amicitia, et amicitia cum voluptate conectitur. nam et laetamur amicorum laetitia aequae atque nostra et pariter dolemus angoribus.* 68 *Quocirca eodem modo sapiens erit affectus erga amicum, quo in se ipsum, quosque labores propter suam voluptatem susciperet, eosdem suscipiet propter amici voluptatem. quaeque de virtutibus dicta sunt, quem ad modum eae semper voluptatibus inhaerent, eadem de amicitia dicenda sunt. praeclare enim Epicurus his paene verbis: 'Eadem', inquit, 'scientia confirmavit animum, ne quod aut sempiternum aut diuturnum timeret malum, quae perspexit in hoc ipso vitae spatio amicitiae praesidium esse firmissimum.'*

69 *Sunt autem quidam Epicurei timidiore paulo contra vestra convicia, sed tamen satis acuti, qui verentur ne, si amicitiam propter nostram voluptatem expetendam putemus, tota amicitia quasi claudicare videatur. itaque primos congressus copulationesque et consuetudinum instituendarum voluntates fieri propter voluptatem; cum autem usus progrediens familiaritatem effecerit, tum amorem efflorescere tantum, ut, etiamsi nulla sit utilitas ex amicitia, tamen ipsi amici propter se ipsos amentur. etenim si loca, si fana, si urbes, si gymnasia, si campum, si canes, si equos, si ludicra exercendi*

aut venandi consuetudine adamare solemus, quanto id in hominum consuetudine facilius fieri poterit et iustius?

70 *Sunt autem, qui dicant foedus esse quoddam sapientium, ut ne minus amicos quam se ipsos diligant. quod et posse fieri intellegimus et saepe etiam videmus, et perspicuum est nihil ad iucunde vivendum reperiri posse, quod coniunctione tali sit aptius. Quibus ex omnibus iudicari potest non modo non impediri rationem amicitiae, si summum bonum in voluptate ponatur, sed sine hoc institutionem omnino amicitiae non posse reperiri.*

Fin. II, 78-85

78 *Amicitiae vero locus ubi esse potest aut quis amicus esse cuiquam, quem non ipsum amet propter ipsum? quid autem est amare, e quo nomen ductum amicitiae est, nisi velle bonis aliquem affici quam maximis, etiamsi ad se ex iis nihil redundet? 'Prodest', inquit, 'mihi eo esse animo.' Immo videri fortasse. esse enim, nisi eris, non potes. qui autem esse poteris, nisi te amor ipse ceperit? quod non subducta utilitatis ratione effici solet, sed ipsum a se oritur et sua sponte nascitur. 'At enim sequor utilitatem.' Manebit ergo amicitia tam diu, quam diu sequetur utilitas, et, si utilitas amicitiam constituet, tollet eadem.*

79 *sed quid ages tandem, si utilitas ab amicitia, ut fit saepe, defecerit? relinquesne? quae ista amicitia est? retinebis? qui convenit? quid enim de amicitia statueris utilitatis causa expetenda vides. 'Ne in odium veniam, si amicum destitero tueri.' Primum cur ista res digna odio est, nisi quod est turpis? quodsi, ne quo incommodo afficiare, non relinques amicum, tamen, ne sine fructu alligatus sis, ut moriatur optabis. Quid, si non modo utilitatem tibi nullam afferet, sed iacturae rei familiaris erunt faciendae, labores suscipiendi, adeundum vitae periculum? ne tum quidem te respicies et cogitabis sibi quemque natum esse et suis voluptatibus? vadem te ad mortem tyranno dabis pro amico, ut Pythagoreus ille Siculo fecit tyranno? aut, Pylades cum sis, dices te esse Orestem, ut mori pro amico? aut, si esses Orestes, Pyladem refelleres, te indicares et, si id non probares, quo minus ambo una necaremini non precarere?*

80 *Faceres tu quidem, Torquate, haec omnia; nihil enim arbitror esse magna laude dignum, quod te praetermissurum credam aut mortis aut doloris metu. non quaeritur autem quid naturae tuae consentaneum sit, sed quid disciplinae. ratio ista, quam defendis, praecepta, quae didicisti, quae probas, funditus evertunt amicitiam, quamvis eam Epicurus, ut facit, in caelum efferat laudibus. At coluit ipse amicitias. Quis, quaeso, illum negat et bonum virum et comem et humanum fuisse? de ingenio eius in his disputationibus, non de moribus quaeritur. sit ista in Graecorum levitate perversitas, qui maledictis insectantur eos, a quibus de veritate dissentiunt. sed quamvis comis in amicis tuendis fuerit, tamen, si haec vera sunt – nihil enim affirmo –, non satis acutus fuit.*

81 *At multis se probavit. Et quidem iure fortasse, sed tamen non gravissimum est testimonium multitudinis. in omni enim arte vel studio vel quavis scientia vel in ipsa*

virtute optimum quidque rarissimum est. ac mihi quidem, quod et ipse bonus vir fuit et multi Epicurei et fuerunt et hodie sunt et in amicitiiis fideles et in omni vita constantes et graves nec voluptate, sed officio consilia moderantes, hoc videtur maior vis honestatis et minor voluptatis. ita enim vivunt quidam, ut eorum vita refellatur oratio. atque ut ceteri dicere existimantur melius quam facere, sic hi mihi videntur facere melius quam dicere.

82 *Sed haec nihil sane ad rem; illa videamus, quae a te de amicitia dicta sunt. e quibus unum mihi videbar ab ipso Epicuro dictum cognoscere, amicitiam a voluptate non posse divelli ob eamque rem colendam esse, quod, <quoniam> sine ea tuto et sine metu vivi non posset, ne iucunde quidem posset. satis est ad hoc responsum. Attulisti aliud humanius horum recentiorum, numquam dictum ab ipso illo, quod sciam, primo utilitatis causa amicum expeti, cum autem usus accessisset, tum ipsum amari per se etiam ommissa spe voluptatis. hoc etsi multimodis reprehendi potest, tamen accipio, quod dant. mihi enim satis est, ipsis non satis. nam aliquando posse recte fieri dicunt nulla expectata nec quaesita voluptate.*

83 *Posuisti etiam dicere alios foedus quoddam inter se facere sapientis, ut, quem ad modum sint in se ipsos animati, eodem modo sint erga amicos; id et fieri posse et saepe esse factum et ad voluptates percipiendas maxime pertinere. hoc foedus facere si potuerunt, faciant etiam illud, ut aequitatem, modestiam, virtutes omnes per se ipsas gratis diligant. an vero, si fructibus et emolumentis et utilitatibus amicitias colemus, si nulla caritas erit, quae faciat amicitiam ipsam sua sponte, vi sua, ex se et propter se expetendam, dubium est, quin fundos et insulas amicis anteponamus?*

84 *Licet hic rursus ea commemorares, quae optimis verbis ab Epicuro de laude amicitiae dicta sunt. non quaero, quid dicat, sed quid convenienter possit rationi et sententiae suae dicere. 'Utilitatis causa amicitia est quaesita.' Num igitur utiliore tibi hunc Triarium putas esse posse, quam si tua sint Puteolis granaria? collige omnia, quae soletis: 'Praesidium amicorum.' Satis est tibi in te, satis in legibus, satis in mediocribus amicitiiis praesidii. iam contemni non poteris. odium autem et invidiam facile vitabis. ad eas enim res ab Epicuro praecepta dantur. et tamen tantis vectigalibus ad liberalitatem utens etiam sine hac Pyladea amicitia multorum te benivolentia praeclare tuebere et munies.*

85 *'At quicum ioca seria, ut dicitur, quicum arcana, quicum occulta omnia?' Tecum optime, deinde etiam cum mediocri amico. sed fac ista esse non inopportuna; quid ad utilitatem tantae pecuniae? vides igitur, si amicitiam sua caritate metiare, nihil esse praestantius, sin emolumento, summas familiaritates praediorum fructuosorum mercede superari. me igitur ipsum ames oportet, non mea, si veri amici futuri sumus. Sed in rebus apertissimis nimium longi sumus. perfecto enim et concluso neque virtutibus neque amicitiiis usquam locum esse, si ad voluptatem omnia referantur, nihil praeterea est magnopere dicendum.*

2. Tradução de CÍCERO, *Fin. I*, 65-70

65 Resta um tópico, sobre a amizade, que não pode faltar de modo algum nesta discussão⁹; amizade que, caso o prazer seja o sumo bem, vocês afirmam que absolutamente não existiria¹⁰. Epicuro, ao menos, trata dela assim: dentre todas as coisas que a sabedoria dispôs para a vida feliz, nada é mais importante do que a amizade, nada é mais fecundo, nada mais agradável¹¹. E, na verdade, não o comprovou apenas com o discurso, mas muito mais com sua vida, suas ações, seu proceder. Algo que é ainda mais relevante se levarmos em conta o que manifestam as estórias forjadas pelos antigos, em que, dentre as tão numerosas e tão diversas que remontam à mais remota antiguidade, com dificuldade se encontram três pares de amigos¹², de modo que se chega a Orestes¹³, tendo partido de Teseu¹⁴. Quanto a Epicuro, porém, em uma só casa, e ainda por cima

79

⁹ Torquato se refere à discussão travada ao longo de todo o diálogo, a qual se inicia com seu discurso, que pretende expor o pensamento de Epicuro a respeito do *finis*, isto é, do sumo bem.

¹⁰ Note-se que o *locus* sobre a amizade aparece, no discurso de Torquato, já como uma tentativa de resposta a uma crítica de escolas rivais. Temos exemplos a respeito desse tipo de postura reativa, digamos, também nos textos do próprio Epicuro, como no passo da *Carta a Meneceu* em que o filósofo grego defende a doutrina diante de uma alegada acusação de impiedade motivada, segundo ele, por má compreensão (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, D.L., X, 123).

¹¹ O texto que aqui se atribui a Epicuro está bem próximo da Máxima 27, que conhecemos a partir da obra de Diógenes Laércio (cf. D.L., X, 148). Cícero conhecia uma versão dessa coletânea de sentenças, chamadas por ele de *Kýriai dóxai*. Em *Fin. II*, 20, a personagem de Cícero, refutando o discurso de Torquato, diz que os epicuristas de então se dedicavam a memorizar tais sentenças. Eis a máxima 27: Ὡν ἡ σοφία παρασκευάζεται εἰς τὴν τοῦ ὅλου βίου μακαριότητα, πολὺ μέγιστόν ἐστιν ἡ τῆς φιλίας κτῆσις. Poderíamos traduzir: “Dentre as coisas que a sabedoria dispõe para a felicidade da vida em sua totalidade, de longe a mais importante é a obtenção da amizade”.

¹² Além dos dois pares de amigos aludidos por Cícero, há quem suponha que o terceiro par seria aquele formado por Aquiles e Pátroclo. A hipótese não deixa de ser plausível, mas não há nada no texto que a fundamente (cf. nota *ad locum* de Marinone (1976, p. 122) em sua edição do *De finibus* citada nas referências bibliográficas). Cumpre dizer que no *Laelius de amicitia* a mesma ideia aparece, mas a enumeração é menos precisa: *ex omnibus saeculis uix tria aut quattuor nominantur paria amicorum* (CÍCERO, *Amic.* 15), isto é: “em todos os séculos, mal se podem nomear três ou quatro pares de amigos”. Mais adiante, no mesmo *Laelius*, faz-se referência a Damón e Fintfáde, amigos pitagóricos que serão mencionados também no livro II do *De finibus* (cf. CÍCERO, *Fin. II*, 79). A cena representada no *Laelius* vem consagrar ainda outro par de amigos: Lélío e Cipião. Já o diálogo epistolar que se estabelece entre o autor e o destinatário da obra acena para a amizade entre Cícero e Ático: *sic hoc libro ad amicum amicissimus scripsi de amicitia* (CÍCERO, *Amic.* 5), que poderíamos traduzir assim, mesmo se com alguma liberdade: “foi assim que, para um amigo, com o sentimento de um verdadeiro amigo, escrevi este livro sobre a amizade”.

¹³ Torquato se refere à amizade de Orestes e Pílates. Segundo algumas versões do mito, Orestes, filho de Clitemnestra e Agamêmnon, teve a ajuda do amigo Pílates no assassinio da mãe adúltera e de seu amante, Egisto, que matara Agamêmnon. Na versão que Cícero segue em *Fin. II*, 79, Pílates ajudou Orestes no roubo de uma estátua de Ártemis (ou Diana), em Táuride, ilha próxima à Sicília. Ao serem capturados pelo rei da ilha, Toante, que decidiu matar Orestes, Pílates mentiu, dizendo ser Orestes, para que o rei o matasse em lugar do amigo. Em seguida, porém, o verdadeiro Orestes desmentiu Pílates. Os dois amigos, então, pediram ao tirano para serem imolados juntos. Cícero não informa como teria acabado essa aventura dos dois grandes amigos; em algumas versões, os dois conseguem escapar, contando com a ajuda da deusa Palas Atena (cf. GRIMAL, 1951).

¹⁴ O expositor faz referência à amizade de Pirítoo e Teseu. Segundo algumas versões do mito, Pirítoo, tendo ouvido falar das façanhas de Teseu, decidiu testá-lo, atribuindo a si mesmo a tarefa de roubar-lhe alguns rebanhos. No momento em que os dois se encontraram, porém, ficaram admirados pela

pequena, quão grandes grupos de amigos manteve e com quanta cumplicidade de um amor harmônico! O que até hoje se dá entre os epicuristas. Mas voltemos ao pensamento, sobre os homens não é necessário falar.¹⁵

66 Pois bem: de três modos eu vejo que os nossos¹⁶ discutiram sobre a amizade. Uns, negando serem os prazeres que interessam aos nossos amigos, por si próprios, tão apetecíveis quanto nos apetece os nossos, argumento que, para alguns, faz cambalear a amizade, defendem, contudo, esse argumento e, como me parece, saem facilmente do embaraço. De fato, assim como as virtudes, de que antes se falou, também a amizade eles negam que possa ser separada do prazer¹⁷. Ora, uma vez que a solidão, a vida sem amigos, é repleta de ciladas e de medo, a própria razão nos aconselha a granjear amizades, pelas quais, obtidas, ganha firmeza a alma e não pode ser afastada da esperança de alcançar prazeres. 67 E, assim como os ódios, as invejas e o desdém são adversos ao prazer, não apenas as amizades são as mais fiéis protetoras, como ainda produtoras de prazeres tanto para os amigos quanto para si, e dentre esses prazeres, não fruem

beleza um do outro. Pirítoos, tentando se reparar, ofereceu-se como escravo por causa do crime que estava cometendo. Na tentativa de se igualar ao outro em nobreza, Teseu perdoou o crime de Pirítoos e os dois firmaram a amizade com um juramento. Após esse evento, os dois heróis juraram, também, casarem-se com filhas de Zeus. Dessa forma, Pirítoos ajudou Teseu a raptar Helena e, de outra parte, Teseu acompanhou Pirítoos ao Hades, a fim de que este tomasse para si Perséfone. Segundo algumas das fontes antigas, Pirítoos foi morto por Cérbero e Teseu, feito prisioneiro. Segundo outras, ambos ficaram presos até que Hércules os resgatasse (cf. GRIMAL, 1951).

¹⁵ O quadro pintado por Torquato está de acordo com aquilo que lemos na obra de Diógenes Laércio (cf. D.L. X, 9-10, em especial), cujo décimo livro é a principal fonte antiga para o estudo das relações sociais no Jardim de Epicuro. Vale dizer ainda que, nos estudos ciceronianos, há uma interessante discussão acerca do uso dos argumentos *ad hominem* (argumentos que deixam de lado o pensamento e atacam a pessoa com quem se discute) utilizados por Cícero nas críticas que tece a respeito dos filósofos que não aprova (cf. SMITH, 1995). Observe-se, no entanto, que, de modo coerente com o método de *in utramque partem dicere* e com o ideal de filosofia defendido em obras como as *Tusculanae*, por exemplo, em que a filosofia é vista como a capacidade de falar a respeito de questões graves de modo copioso e ornado (cf. CÍCERO, *Tusc.* I, 7), é dada aqui oportunidade, também ao defensor de Epicuro, de utilizar argumentos *ad hominem* em favor do mestre. Com efeito, para defender uma doutrina em que tudo converge para o modo de proceder e que deseja apresentar um caminho para a felicidade através de preceitos sobre a maneira de agir, parece razoável tomar a vida do sábio (e autor da doutrina) como exemplo e justificativa para a própria doutrina. Cabe notar, no entanto, que precisamente a natureza benévola de Epicuro vai ser tomada, na segunda parte do diálogo, como um argumento em favor da doutrina estoica. Segundo o argumento defendido pela personagem Cícero, Epicuro talvez fosse virtuoso moralmente, pois que tinha uma boa natureza, mas defendia uma doutrina equivocada.

¹⁶ Isto é, os epicuristas, tendo em vista a adesão declarada de Torquato à filosofia do Jardim.

¹⁷ De acordo com essa primeira visão, buscar amizades seria resultado da ação da sabedoria, definida em *Fin. I*, 42 como *ars uiuendi*, “arte de viver”, em que *ars* deve ser entendida como um conjunto de conhecimentos ordenados, ensináveis, cuja aplicação proporciona a obtenção de um determinado fim. No caso da sabedoria, o fim é a felicidade. A sabedoria é dita ainda, no mesmo passo, e aqui de modo mais expressamente relacionado ao pensamento de Epicuro, *artifex conquirendae et comparandae uoluptatis*, isto é, com alguma liberdade: “artífice que busca com zelo e produz o prazer”. Segundo o discurso de Torquato, a amizade, produto da ação de uma virtude, a sabedoria, só tem valor, assim como as virtudes em geral, por nos livrar das dores e inquietações e, portanto, por produzir o verdadeiro prazer. As virtudes não são buscadas por si mesmas, mas porque somos capazes de perceber (graças ao cálculo que podemos fazer a respeito do que decorre de cada coisa, fundamentado na noção de utilidade, ou proveito) que elas são produtoras do bem supremo.

os amigos apenas dos presentes, mas inclusive se deixam animar pela esperança do tempo subsequente e do futuro. E uma vez que de nenhum modo podemos, sem a amizade, manter de forma sólida e duradoura uma vida agradável, nem, por outro lado, conservar a própria amizade a não ser que estimemos nossos amigos assim como a nós mesmos, por essa razão, também isso, justamente, se produz na amizade¹⁸, e a amizade está atada ao prazer¹⁹. Com efeito, tanto nos alegramos com a alegria de nossos amigos da mesma forma que com a nossa, quanto semelhantemente nos condoemos de suas angústias. 68 Por conta disso, o sábio será afetado com relação ao amigo do mesmo modo que para consigo mesmo, e as provações a que se submeteria em favor de seu prazer, às mesmas se submeterá em favor do prazer do seu amigo. E o que se disse sobre as virtudes, o modo como estariam elas sempre entrelaçadas ao prazer, o mesmo deve-se dizer sobre a amizade. Com efeito, Epicuro se expressou brilhantemente ao dizer mais ou menos com estas palavras: “o mesmo conhecimento que deu firmeza à alma para que não temesse algum mal eterno ou duradouro, percebeu que, neste curso mesmo da vida, a mais firme fortaleza é a amizade”²⁰.

69 Há, porém, alguns epicuristas um pouco mais receosos diante da gritaria de vocês, todavia bastante agudos, que temem que, se considerarmos que a amizade deva ser buscada com vistas a nosso prazer, toda a amizade parecerá como que perder o passo. Assim, dizem que as primeiras aproximações, os primeiros encontros e a vontade de estabelecer relações aconteceriam com vistas ao prazer; mas, depois que o hábito, seguindo sua marcha, tenha estabelecido uma familiaridade, então floresceria o amor com tal intensidade que, mesmo sem haver qualquer utilidade na amizade, os amigos amariam a si próprios por causa de si próprios²¹. E, de fato, se os lugares, se os templos, se as cidades, se os

¹⁸ Isto é, o fato de estimarmos os nossos amigos assim como a nós mesmos.

¹⁹ A amizade é buscada porque, de outro modo, não seria possível uma vida de prazer sólido e duradouro. Por outro lado, a amizade só se mantém caso amemos os nossos amigos da mesma forma que a nós próprios. O texto parece sugerir que a decisão de amar os amigos assim como a nós mesmos advém de um cálculo acerca do proveito. Daí que só quem age com sabedoria é capaz de estabelecer amizades.

²⁰ Essa passagem do discurso de Torquato se aproxima significativamente da Máxima 28, que conhecemos a partir da obra de Diógenes Laércio (cf. D.L. X, 148). O texto que está na obra do biógrafo diz: Ἡ αὐτὴ γνώμη θαρρεῖν τε ἐποίησεν ὑπὲρ τοῦ μηθὲν αἰώνιον εἶναι δεινὸν μηδὲ πολυχρόνιον, καὶ τὴν ἐν αὐτοῖς τοῖς ὠρισμένοις ἀσφάλειαν φιλίας μάλιστα κατεῖδε συντελουμένην. Poderíamos traduzir: “o mesmo pensamento nos fez ter confiança em que nada eterno [ou seja, os deuses], nada duradouro [os fenômenos naturais] deve ser motivo de temor e que, nas coisas limitadas [na nossa existência], a segurança que vem da amizade se realiza no mais alto grau”.

²¹ Essa doutrina tem semelhança com um pensamento que Diógenes Laércio apresenta como sendo proveniente da escola, sem indicar, no entanto, quem o tenha concebido (cf. D.L. X, 120). Depois de dizer que, para a escola do Jardim, a coragem não é natural, mas provém do cálculo do proveito (τὴν δὲ ἀνδρείαν φύσει μὴ γίνεσθαι, λογισμῶ δὲ τοῦ συμφέροντος), o biógrafo diz que a amizade surge da utilidade, do interesse (τὴν φιλίαν διὰ τὰς χρείας). Ainda que um dos amigos tenha que dar o primeiro passo, ela se mantém, depois disso, por meio de uma partilha, ou sociedade (κατὰ κοινωνίαν) na fruição dos prazeres. Notemos que essa noção de partilha se relaciona, por sua vez, com a terceira explicação, que é apresentada a seguir.

ginásios, se o campo, se os cães, se os cavalos, se os jogos nós usualmente passamos a amar, nos combates que envolvem ou homens, ou animais, graças ao costume, quão mais facilmente e mais justamente isso poderá acontecer nas relações costumeiras entre os homens?

70 Há, porém, quem diga haver entre os sábios um pacto: não estimar os amigos menos do que a si próprios²². O que não só entendemos ser possível acontecer, como, muitas vezes, também o vemos; e é evidente que nada se pode encontrar de mais apropriado para uma vida agradável do que uma tal ligação.

A partir disso tudo, pode-se chegar à conclusão de que não apenas não se embarça a teoria da amizade, caso se faça consistir no prazer o sumo bem, mas que, sem isso, não se pode encontrar, de modo algum, o fundamento da amizade.

3. Tradução de CÍCERO, *Fin. II*, 78-85

78 Para a amizade, porém, onde pode haver lugar, ou quem pode ser amigo de alguém a quem não ame, nem a ele próprio nem por causa dele próprio? Mas o que é amar, donde foi tomado o termo amizade, senão querer que a alguém toquem os maiores bens possíveis, ainda que para si mesmo não redunde nenhum deles? “É vantajoso, para mim”, diria alguém, “estar com a alma assim disposta”. Na verdade, talvez “parecer estar”, pois “estar”, se não estiver de fato, você não pode²³. Mas como poderá estar, se o próprio amor não tiver se apoderado de você? É algo que costuma se produzir não depois de realizado um cálculo com relação ao proveito, mas que tem origem em si próprio, nasce espontaneamente. “Ora, mas é o proveito o que eu persigo”. Subsistirá,

²² Como deixa claro o texto de Cícero (cf. CÍCERO, *Fin. II*, 82), também essa terceira solução não vem de Epicuro. Cabe dizer que estudiosos como Duvernoy (1993, p. 124-129), por exemplo, consideram incongruente com a doutrina de Epicuro a ideia de um pacto pelo qual se realize a amizade. O único pacto que se observa nos textos do próprio Epicuro é o que se relaciona à não agressão e que fundamenta o direito (cf. Máxima 32, em D.L. X, 150). Para Duvernoy, o pacto é compreensível como fundamento das relações entre os não sábios, mas não é concebível como instaurador do círculo entre sábios que é a amizade epicurista. Sequer se pode conceber uma disposição contratual entre amigos, pois o fundamento de todo pacto é a desconfiança. Esse autor defende sua ideia a partir de uma declaração que se encontra em Diógenes Laércio (D.L. X, 11), que dá conta de que Epicuro não considerava que as riquezas deveriam ser comuns aos amigos, ao contrário do que ocorria entre os pitagóricos. Para Epicuro, agir assim revelaria desconfiança. E quem desconfia não é amigo. Cícero, no entanto, não faz crítica específica ao *foedus*. Sua refutação a essa terceira solução dirige-se ao problema mais geral: a noção de proveito, que segundo ele é inconciliável com a verdadeira amizade (cf. CÍCERO, *Fin. II*, 83).

²³ O tratamento da amizade, no discurso de refutação, vem depois da discussão sobre as virtudes. O refutador segue assim, aliás, a ordem dos tópicos da exposição de Torquato. Cícero dissera (cf. CÍCERO, *Fin. II*, 71), por exemplo, que o pensamento de Epicuro cria um simulacro de justiça, pois que, em sua doutrina, o homem só agiria de modo justo com vistas ao prazer ou por medo de punição. Para Cícero (que se serve aqui da dicotomia platônica entre verdade e aparência), portanto, importaria ao epicurista antes parecer ser justo do que ser justo de fato. Seguindo a mesma linha de raciocínio, também a amizade epicurista é vista como um simulacro da verdadeira amizade. Mais do que experimentar o sentimento verdadeiro da amizade, o epicurista julgaria proveitoso aparentar ter um tal sentimento.

portanto, a amizade pelo tempo que durar o proveito, e, se o proveito estabelecer a amizade, será ele mesmo quem lhe dará fim. **79** Mas o que fará você, então, se na amizade não houver mais proveito, como acontece muitas vezes? Você vai abandoná-la? Que amizade é essa? Vai conservá-la? Onde está a coerência? Pois você percebe o que você estabeleceu a respeito da amizade: que deve ser almejada com vistas ao proveito. “Vou conservá-la para que não venha a ser odiado, se deixar de olhar por um amigo”. Em primeiro lugar, por que tal coisa é digna de ódio senão porque é torpe? Ora se, para que você não se sujeite a alguma desvantagem, você não vai abandoná-lo, por outro lado, para que não fique sem ganho, preso a uma obrigação, você desejará que ele morra. Mas e se não apenas ele não lhe trouxer nenhum proveito, mas se você tiver ainda de lançar mão de bens familiares, submeter-se a provações, correr risco de vida? Nem mesmo nesse caso você olhará por si mesmo e pensará que cada qual nasceu para si próprio e para seus próprios prazeres? Como fiança você vai se entregar a um tirano para morrer em lugar de um amigo, como fez o célebre pitagórico diante do tirano da Sicília²⁴, ou, sendo Pílates, você dirá que é Orestes, para morrer em lugar do amigo, ou, se fosse Orestes, desmentiria Pílates, denunciaria a si mesmo e, se não fosse convincente, não imploraria para que ambos fossem imolados juntos?

83

80 Você, ao menos, Torquato, faria tudo isso; pois eu julgo que não há coisa alguma, digna de grande louvor, da qual eu acredite que você se omitiria por medo da morte ou da dor. No entanto, eu não busco saber o que é consequente com a sua natureza, mas com essa sua doutrina. Esse raciocínio que você defende, os preceitos que você aprendeu, que você aprova, fazem desmoronar a amizade, desde os alicerces, por mais que Epicuro, como de fato faz, alce-a ao céu com louvores. “Mas cultivou ele próprio amizades”. Ora, por favor... Quem nega que ele tenha sido um homem bom, afável e humano? É sobre seu engenho nas discussões e não sobre seu modo de proceder que se busca saber. Que haja tal perversão na frivolidade dos gregos, que perseguem com ultrajes aqueles dos quais discordam quanto à verdade. Mas, por mais que tenha sido afável em lidar com os amigos, se isso é verdade (pois eu não afirmo nada), não foi suficientemente agudo. “Mas fez-se estimar por muitos”. **81** Sim, e talvez merecidamente, mas não é o de maior peso o testemunho da multidão. Com efeito, em toda arte, em toda ocupação, em qualquer campo de conhecimento, na própria virtude, tudo que há de mais excelente é muitíssimo raro. Ora, a mim, ao menos, pelo fato de não só ele próprio ter sido um homem bom, como também muitos epicuristas terem sido e serem hoje não só amigos fiéis, como também

²⁴ Essa narrativa é referida por Cícero também em outras obras. Cf. CÍCERO, *Tusc.*, V, 63 e *Off.* III, 45. O pitagórico Damón colocou-se como garantia em favor de seu amigo Fintíade, também pitagórico, que, condenado à morte por Dioniso de Siracusa, precisava fazer uma viagem. Fintíade, após resolver o que devia, regressou a Siracusa ainda a tempo de salvar seu amigo da condenação. Diz-se que Dioniso, por fim, comovido pela amizade que ligava os dois homens, concedeu graça ao condenado.

constantes e graves na vida em geral e regularem suas decisões não pelo prazer, mas pelo dever, parece maior a força da honradez²⁵ e menor a do prazer. Pois de tal modo vivem alguns, que por suas vidas são refutados seus discursos. E, assim como de outros se considera que falam melhor do que agem, esses me parecem agir melhor do que falam²⁶.

82 Mas isso não tem nenhuma pertinência à matéria em questão²⁷: vejamos as coisas que você disse a respeito da amizade. Dentre elas, uma só tive a impressão de reconhecer como dita pelo próprio Epicuro: que a amizade não pode ser apartada do prazer e apenas por esse motivo deve ser cultivada, pois, uma vez que sem ela não se poderia viver em segurança e sem temores, também não se poderia viver agradavelmente. A isso já se respondeu satisfatoriamente. Você avançou outro argumento mais humano, de discípulos mais recentes, jamais expresso, que eu saiba, pelo próprio Epicuro: em primeiro lugar, busca-se o amigo com vistas ao proveito; uma vez, porém, que tenha surgido o hábito, então o amor se dá por si próprio, deixada à parte, inclusive, a esperança com relação ao prazer. Ainda que isso possa ser criticado de muitos modos, aceito o que eles oferecem, pois, para mim, isso basta; para eles próprios é que não basta.

²⁵ Em latim, *honestas*. Cícero se serve de *honestas* e de *honestum* para traduzir o conceito grego de *tò kalón*, o belo moral. Veja-se esta passagem do livro II do *De finibus*, em que se apresenta uma definição do conceito: *honestum igitur id intellegimus, quod tale est, ut detracta omni utilitate sine ullis praemiis fructibusue per se ipsum possit iure laudari. quod quale sit, non tam definitione, qua sum usus, intellegi potest, quamquam aliquantum potest, quam communi omnium iudicio et optimi cuiusque studiis atque factis, qui permulta ob eam unam causam faciunt, quia decet, quia rectum, quia honestum est, etsi nullum consecuturum emolumentum uident* (CÍCERO, *Fin. II*, 45), isto é: “o honroso, portanto, nós o entendemos como aquilo que é de tal tipo que, subtraído todo o proveito, sem que haja alguma recompensa ou lucro, por si próprio possa ser com justiça louvado. De que tipo seja isso é algo que pode ser entendido não tanto pela definição de que me utilizei, embora o possa em certa medida, quanto pelo julgamento comum a todos e pelas inclinações e ações de cada qual dentre os melhores, que praticam um grande número de ações por esta única razão: porque cai bem, porque é reto, porque é honroso, mesmo que não vejam nenhum ganho que venha como consequência.” Mais adiante, diferenciando o sentido mais usual do termo daquele em que o utiliza no discurso filosófico, diz ainda: *ut enim consuetudo loquitur, id solum dicitur honestum, quod est populari fama gloriosum* (CÍCERO, *Fin. II*, 48), isto é: “pois, de acordo com a expressão usual, apenas isto é chamado honroso: o que é repleto de glória graças ao renome popular”. Com nossa tradução, quisemos manter a clara evocação que se faz, por meio do uso do termo, da noção de *honos*, honra, prestígio, algo que é seguramente mais perceptível, para o falante português, do que se tivéssemos utilizado “honesto” ou “honestidade”.

²⁶ O modo de agir virtuoso de Epicuro e de certos epicuristas, portanto, no que diz respeito à amizade, especificamente, não demonstra, como querem os epicuristas, que sua doutrina seja capaz de fundamentar a vida virtuosa; mostraria, na verdade, que, apesar de defenderem ideias equivocadas, eles agiriam de acordo com princípios naturais que são mais fortes do que os raciocínios equivocados. Haveria, então, uma incoerência entre pensamento e ação. A ação virtuosa dos defensores do prazer é tomada como argumento para a comprovação de que a virtude tem valor por si própria.

²⁷ Esse tipo de afirmação parece fazer parte de uma estratégia argumentativa de Cícero que consiste em desviar a atenção do leitor de certo tipo de prova. É grande o peso que tem, no *De finibus*, a denúncia de incoerência entre o discurso e a prática dos seguidores de Epicuro para a refutação de sua doutrina moral e, de modo específico, para a refutação da teoria da amizade, que é, neste ponto, a matéria em questão. Cícero se serve de argumentos tipicamente retóricos, que atacam o homem, e que têm importância cabal no conjunto de sua refutação, mas parece querer fazer crer a seu leitor que tal tipo de argumento não tem grande relevância e que a argumentação que empreende é tão somente lógica.

Ora, estão dizendo que em algumas ocasiões pode-se agir retamente sem que se espere ou se procure o prazer²⁸. **83** Você atestou ainda que outros dizem que os sábios fazem entre si uma espécie de pacto: que, do modo como estejam dispostos, em suas almas, com relação a si próprios, do mesmo modo estejam para com os amigos; e que isso não só pode acontecer, como frequentemente tem acontecido e que tem especial importância na fruição dos prazeres. Esse pacto, se o puderam fazer, façam também este: que a equidade, o comedimento, todas as virtudes eles amem por si próprias, gratuitamente. Entretanto, se com interesse nos ganhos, nos lucros e no proveito nós cultivarmos as amizades, se não houver nenhuma afeição que faça da própria amizade, por si mesma, por sua essência, a partir e por causa de si apetecível, resta dúvida de que daremos preferência às propriedades rurais e às casas para aluguel em detrimento dos amigos?

85

84 Se quiser, recorde de novo, agora, o que disse Epicuro, com excelentes palavras, em louvor à amizade. Não quero saber o que ele diz, mas o que pode dizer de modo coerente com seu raciocínio e com seu pensamento. “Com vistas ao proveito é que se procura uma amizade”. Ora, você pensa, então, que Triário, que aqui está, pode lhe render mais proveito do que se forem teus os celeiros de Putéolos²⁹? Evoque tudo aquilo que você costuma evocar: “a proteção que vem dos amigos”³⁰. Há suficiente proteção, para você, em você mesmo, suficiente nas leis, suficiente nos amigos banais³¹; você já não poderá ser desprezado; o ódio, por outro lado, e a inveja você evitará facilmente, pois para essas coisas Epicuro oferece preceitos. E, todavia, servindo-se prodigamente de tão grandes rendas, ainda que sem aquela amizade de um Pílates, com a benquerença de muitos, você estará resguardado e dela munido perfeitamente. **85** “Mas com quem as brincadeiras e as coisas sérias”, como se diz, “com quem os segredos, com quem tudo aquilo que silenciamos?”³² Consigo mesmo: é o melhor; depois, até mesmo

²⁸ Isto é, com o argumento do hábito, os epicuristas introduziriam uma falha na teoria do prazer. Se algumas ações podem ser corretas mesmo que não tenham o prazer como meta, o prazer não poderia ser o *finis* de acordo com o que exige a definição desse conceito.

²⁹ Putéolos, localidade próxima à atual Nápoles, era, à época, um importante porto para o comércio marítimo. Ali se comercializavam produtos com a Sicília e a África, donde a necessidade de grandes celeiros para o armazenamento de produtos agrícolas. Recordemos que a cena se passa em Cumas, ou seja, relativamente perto de Putéolos.

³⁰ *Praesidium amicorum*. Expressão semelhante, relacionada à doutrina de Epicuro, aparece em Cícero em *Amic. 46: amicitiarum praesidia*.

³¹ A amizade do dia a dia, dos amigos banais, é contrastada com a verdadeira amizade. Trata-se de um tema também desenvolvido em *Amic. 22*.

³² A expressão *ut dicitur* sugere que a objeção é formulada a partir de algum dito de sabor proverbial. Para os seguidores de Epicuro, somente com o verdadeiro amigo nós poderíamos falar de toda e qualquer coisa. A única conversa realmente franca que se pode ter é com um amigo. A questão, para Cícero, entretanto, é que, se o prazer é o fundamento da amizade, não pode haver uma amizade verdadeira. Na correspondência de Cícero, é justamente como uma amizade de total cumplicidade que o autor representa sua relação com Ático, um epicurista, diga-se de passagem. Veja-se, por exemplo, este eloquente trecho: *nihil mihi scito tam deesse quam hominem eum quocum omnia, quae me cura aliqua afficiunt, una communicem, qui me amet, qui sapiat, quicum ex animo loquar, nihil fingam, nihil dissimulem, nihil obtegam* (CÍCERO, *Att. I, 18, 1*), isto é: “Você deve saber que nada me

com um amigo banal. Mas suponha que tais situações tragam lá algum benefício³³: o que são elas em comparação às vantagens de tamanha riqueza? Você percebe, portanto, que se medir a amizade pela afeição que lhe é própria, nada há de mais excelente, mas se a medir pelo ganho, as mais estreitas camaradagens são vencidas pelas rendas provenientes de propriedades lucrativas. Quanto a mim, é preciso que você goste de mim e não do que é meu, se vamos ser amigos de verdade.

Mas, numa coisa tão óbvia, nós nos estendemos demais. Com efeito, concluído e estabelecido que, se tudo for referido ao prazer, não há em parte alguma lugar para as virtudes e para as amizades, não há muito mais a dizer.

faz mais falta agora do que uma pessoa com a qual possa compartilhar tudo aquilo que me aflige com alguma inquietação, uma pessoa que me ame, que tenha bom senso, com a qual, quando eu converse, eu nada finja, nada dissimule, nada oculte”.

³³ Levando em conta o contexto, poderíamos desenvolver: “considere que as amizades, mesmo sem amor verdadeiro, conforme as conceberia Epicuro, tragam benefícios”. Nossa tradução pretendeu de algum modo expressar a reserva que Cícero parece exprimir por meio da litotes *non inportuna*, “não desfavoráveis, não prejudiciais”.

REFERÊNCIAS

CÍCERO. *De diuinatione*. With an English translation by W. A. Falconer. London: Harvard University Press, 1992 (*Loeb Classical Library*).

_____. *De finibus bonorum et malorum*. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds. Oxford: Oxford University Press, 1998.

_____. *De officiis*. With an English translation by Walter Miller. London: Harvard University Press, 1990 (*Loeb Classical Library*).

_____. *Epistulae ad Atticum*. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Stuttgart: Teubner, 1987. 2v.

_____. *Laelius de amicitia*. Texte établi e traduit par Robert Combès. Paris: Société d'éditions "Les Belles-Lettres", 1971.

_____. *Opere politiche e filosofiche di M. Tullio Cicerone (I termini estremi del bene e del male, Discussioni tuscolane, Le stato, Le leggi, I doveri)*. A cura di Nino Marinone. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1976.

_____. *Scripta quae manserunt omnia*. fasc. 43. *De finibus bonorum et malorum*. T. Schiche. Leipzig: Teubner, 1915.

87

DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of eminent philosophers*. With an English translation by R. D. Hicks. London: Harvard University Press, 1991 (*Loeb Classical Library*).

DUVERNOY, J. F. *O epicurismo e sua tradição antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: PUF, 1951.

MICHEL, A. *Les rapports de la Rhétorique et de la Philosophie dans l'oeuvre de Cicéron*. Paris: PUF, 1960.

SMITH, P. R. "A self-indulgence misuse of leisure and writing'? How not to write philosophy: did Cicero get it right?" In: *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995. p. 301-323.

Data de envio: 11/09/2019

Data de aprovação: 05/12/2019

Data de publicação: 02/07/2020